



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo

**Deixa brilhar:** Purpurina — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC

Florianópolis

2025

Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo

**Deixa brilhar:** Purpurina — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientadora: Profa. Dra. Tattiana Gonçalves Teixeira

Florianópolis

2025

Pedrozo, Marcelo Evangelista Vieira Flores

Deixa brilhar : Purpurina – O Musical leva arte drag  
aos palcos do CIC / Marcelo Evangelista Vieira Flores  
Pedrozo ; orientadora, Tattiana Gonçalves Teixeira, 2025.  
42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Reportagem multimídia. 3. Jornalismo  
literário. 4. Arte drag. 5. Comunidade LGBTQ+. I. Teixeira,  
Tattiana Gonçalves. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo

**Deixa brilhar:** Purpurina — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 02 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Tattiana Gonçalves Teixeira  
Orientadora

Profa. Dra. Melina de la Barrera Ayres  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Mariane Pires Ventura  
Avaliadora

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,

Insira neste espaço  
a assinatura

Profa. Dra. Tattiana Gonçalves Teixeira  
Orientadora

Insira neste espaço  
a assinatura

Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo  
Autor do trabalho

Florianópolis, 2025.

A todas as pessoas que ainda não podem  
ser o que desejam.

O arco-íris virá.

## AGRADECIMENTOS

A Jamil, André, Bruno, Vinícius, Julie, Renata, Larah, Notli, Gael, Júlia, Joel, Camila, Bárbara, Valter, Gabriel, Heitor, Mystika, Fanny, Bruno e ao resto do elenco e equipe por trás de *Purpurina*, pela receptividade com que abriram um espacinho para mim nesse processo e pela disposição com que compartilharam suas histórias comigo;

À Tatti, por enxergar esta reportagem muito antes de mim e por me ajudar a descobri-la no caminho;

A Mariane e Melina, por emprestarem seu tempo para avaliar meu trabalho com tanta disposição e competência;

A minha mãe, por ser minha maior apoiadora; a meu pai, por ser minha maior inspiração; e a meu irmão, por falar a mesma língua que eu;

A meus tios e colegas jornalistas Lúcia Helena e Fernando, pelas trocas;

A meus avós, primos e demais tios e tias, Bê, Nat, Farias e Lek, pelo apoio de sempre;

A meus companheiros de jornada: Nan, pelas idas e voltas compartilhadas, da UFSC e de festas, por me aguentar chorando de dor de cotovelo e, principalmente, pelas risadas bobas; Dany, pelas dicas sempre precisas de moda, por tomar a iniciativa de organizar tantos rolês, a maioria na própria casa, e pela firmeza inspiradora com que exerces a profissão; Sofi, por compartilhar ansiedades e passeios de ônibus e por ser uma ótima dupla de trabalho; Pedro, pelas piadas bestas, pelos almoços nas quartas-feiras e por manter acesos nossos foguinhos no TikTok; Victor, pelas caronas, por compartilhar hiperfocos comigo, pelos infindáveis papos-cabeça que só neurodivergentes entenderiam e por plantar a sementinha que deu origem a este trabalho;

A Robson, pelo sorriso mais bonito do mundo e por ter retribuído o favor e me aguentado em semestre de TCC.

*And I heard that there's a special place  
Where boys and girls can all be queens  
every single day*

(Chappell Roan, 2020)

## RESUMO

*Purpurina — O Musical* é um espetáculo original de Florianópolis que trata de uma casa de arte *drag*. Apresentada pela primeira vez em 2022, a peça ganha nova montagem em 2025. Esta grande reportagem multimídia e com linguagem literária narra o processo de remontagem do espetáculo, através de entrevistas com artistas, informações sobre arte *drag* e descrições dos ensaios, apresentações e outras ações transmídia. O objetivo é acompanhar um projeto artístico original de temática queer em Florianópolis, contando histórias envolventes sobre artistas que buscam encontrar e afirmar suas identidades. A reportagem é voltada a membros da comunidade LGBTQ+ e interessados em arte *drag* e teatro musical de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** reportagem multimídia; jornalismo literário; arte *drag*; comunidade LGBTQ+; teatro musical.

## ABSTRACT

*Purpurina — O Musical* is an original show from Florianópolis about a house of drag art. First presented in 2022, the play was revived in 2025. This multimedia report, written in literary language, narrates the process of remounting the show through interviews with artists, information about drag art, and descriptions of rehearsals, performances and other transmedia activities. It aims to document an original artistic project with queer themes in Florianópolis, telling engaging stories about artists seeking to find and affirm their identities. The report is geared towards members of the LGBT+ community and people interested in drag art and musical theater in Santa Catarina.

**Keywords:** multimedia report; literary journalism; drag art; LGBT+ community; musical theatre

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b>	<b>14</b>
<b>3 PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
3.1 DEFINIÇÃO DA PAUTA	17
3.1.1 Bagagem pessoal	17
3.1.2 Primeiras ideias para o projeto	18
3.1.3 Reportagem sobre teatro musical	19
3.1.4 Definição do formato	20
3.1.5 Definição do recorte	21
3.2 APURAÇÃO	22
3.2.1 Acompanhamento dos ensaios e eventos	22
3.2.2 Entrevistas	23
3.3 REDAÇÃO	25
3.3.1 Tópicos sensíveis	26
3.3.2 Adaptações ao público-alvo	26
3.3.3 Linguagem neutra	27
3.4 PRODUÇÃO MULTIMÍDIA	28
3.4.1 Vídeos	28
3.4.2 Áudios	30
3.5 IDENTIDADE VISUAL E WEBDESIGN	30
3.5.1 Identidade visual	30
3.5.2 Webdesign	31
<b>4 RECURSOS E ORÇAMENTO</b>	<b>33</b>
<b>5 DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO A – FICHA DE TCC</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As *drag queens* são “artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações” (De Jesus, 2012, p.10). De forma mais abrangente, pode-se classificar a arte *drag*, também chamada de arte transformista ou da montagem, como

formas de arte em que a/o/e artista se caracteriza com uma personagem que alude à performatividade/teatralidade com a construção de uma outra aparência física, um outro comportamento, outra personalidade e, portanto, um outro corpo, que se monta com artefatos visuais e cênicos extravagantes, mas sempre muito belas/os/es. [...] A performance do gênero é, antes de tudo, uma arte para entreter, para fazer rir e, em outras vezes, não esconde a pungência das formas e visualidades, pano de fundo mais sério na forma de resistência e de ativismo (Costa Filho; Lopes, 2024, p.3).

O primeiro uso conhecido do termo *drag queen* vem de William Swann, estadunidense ex-escravizado que nasceu em 1860 e foi o primeiro ativista dos Estados Unidos a liderar um grupo de resistência queer. Swann hospedou bailes *drag* em Washington, DC, nos anos 1880 (Joseph, 2020, *online*).

Segundo Amanajás (2014, p.21), hoje, “o Brasil vem sido arrebatado paulatinamente pela invasão da *drag queen*”, que “surge da necessidade de criar um estado de ‘entre’ perante a ditadura imposta pelas condições de gênero” e “se torna uma figura pioneira e confrontativa, rompendo barreiras e desafiando o senso comum”. *Drag queens*, *kings* e *queers* brincam com e desafiam as marcações de gênero, construídas por “uma série de artefatos, assessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (Louro, 2018, p.87). Para França (2022, p.108), essa arte “oferece uma discussão muito interessante quando pensamos em gênero dentro da sociedade” por “desconstruir esse gênero binário”.

Ademais, o *reality show* norte-americano

*RuPaul’s Drag Race* tem recebido grandes celebridades do showbiz através dos anos e tem sido topo de audiência em vários países do mundo. Além de disseminar a cultura gay e a arte das *drag queens*, o show tem aberto possibilidade e espaço para vários artistas *drags* poderem ser vistos e reconhecidos por seus trabalhos (Amanajás, 2014, p.19).

Apesar disso, a arte *drag* ainda enfrenta preconceitos de uma sociedade conservadora. De acordo com Lima (2019), é uma forma de arte

pensada como marginal e de resistência, como cultura está intimamente ligada com a fundação da família, com a criação de espaços de segurança dentro da comunidade. Nesse viés, a arte *drag* combate a homofobia velada que simplesmente desqualifica e joga essa arte para escanteio, colocando-a com uma coisa marginalizada, a qual não deve ser levada a sério (apud França, 2022, p.110).

Dessa forma, especialmente em uma cidade como Florianópolis, que registrou 902 casos de violência contra pessoas LGBTQ+ apenas no primeiro semestre de 2024 (Koehler, 2024, *online*), a arte *drag* “possui uma função social cênica, seja de entretenimento ou de política que não se basta no autoprazer e no divertimento corriqueiro” (Amanajás, 2014, p.21).

É com inspirações como *RuPaul’s Drag Race* e em um contexto de LGBTQ+fobia como o descrito acima que surge *Purpurina — O Musical*, espetáculo teatral produzido pelo Laboratório de Design, Audiovisual e Transmídia (Labdat) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A segunda montagem da peça, assistida por 714 pessoas e apresentada em 26 de setembro de 2025 no teatro do Centro Integrado de Cultura (CIC), conta a história de uma casa de arte *drag* envolvida em um drama policial, com treze canções originais.

A trama acontece no distrito de Magnólia, onde se localiza a babadeira casa *Purpurina*, conhecida não só por suas grandes apresentações *drag*, mas também como um importante lar de acolhimento a artistas marginalizados. Dentre as personagens, destacam-se: Perla Purple, famosa *drag* que enfrenta um grande dilema amoroso, Miguel, jovem estudante que sonha em viver a arte da montagem, e Sandra, atendente que luta para conquistar um espaço como modelo profissional (Fundação Catarinense de Cultura, 2025, *online*).

Além da peça, o projeto traz outras ações, em uma produção transmídia: entre eles, um concurso de *drags* e um festival de cultura *queer* no Floripa Airport. Houve uma primeira montagem, idealizada em 2020 e apresentada em 2022 no Teatro Governador Pedro Ivo.

Por entender a peça e o projeto *Purpurina*, de modo mais abrangente, como um polo cultural que reúne artistas da comunidade LGBTQ+ de Florianópolis, o

objetivo geral deste trabalho é produzir uma grande reportagem multimídia e literária sobre a remontagem do espetáculo. São objetivos específicos: acompanhar a produção de *Purpurina*; entrevistar artistas envolvidos no projeto; redigir texto envolvente; unir texto, áudio, vídeo e foto para criar uma narrativa concisa e completa; e construir uma boa arquitetura da informação na plataforma Shorthand.

O jornalismo multimídia (Menke, 2019, p.1) foi escolhido considerando que a pauta envolve teatro musical, existindo um potencial a ser explorado na produção de vídeos e áudios para a narrativa.

A apuração se deu através de acompanhamento semanal dos ensaios, entrevistas com 19 artistas e produtores envolvidos no projeto, pesquisa bibliográfica a respeito dos temas e cobertura das apresentações. A publicação aconteceu na plataforma Shorthand, com áudios publicados no Spotify e Deezer e incorporados no Shorthand através do Deezer, e vídeos, também incorporados no Shorthand, publicados no YouTube.

## 2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A grande reportagem multimídia *Deixa brilhar: Purpurina — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC* é composta por dez retrancas, que trazem texto, fotos, áudios e vídeos. Ela acompanha a remontagem de *Purpurina — O Musical*, realizada em 2025, e conta histórias dos artistas LGBTQ+ que fazem parte do elenco ou das atividades transmídias relacionadas. A reportagem está disponível na plataforma Shorthand, no *link* <https://tcc.shorthandstories.com/deixa-brilhar/>, e é voltada a pessoas da comunidade LGBTQ+ entre 20 e 30 anos, interessados em arte *drag* e teatro musical, moradores de Santa Catarina.

O texto segue princípios do jornalismo literário, considerando-o aqui como

a modalidade de prática jornalística que emprega métodos de captação e observação da realidade das Ciências Sociais, área onde o jornalismo se insere. Uma vez selecionados, esses dados, ressignificados a partir da experiência do profissional, são redigidos com técnicas provenientes da literatura com o objetivo de criar um relato não-ficcional envolvente, que permita a compreensão aprofundada do tema (Martinez, 2012, p.120).

A partir do acompanhamento dos ensaios e apresentações, procurou-se construir seções e retrancas com teor literário, explorando as linguagens descritiva e narrativa. São narradas interações entre as fontes, às quais me refiro aqui como “personagens”, seguindo a ideia de que “o teor literário de uma obra jornalística é determinado precisamente pelo uso de personagens (reais, mas construídos com estratégias que se assemelham àquelas utilizadas em obras de ficção), entre outros recursos” (Santoro, 2015, p.283).

O formato multimídia foi escolhido pensando nas possibilidades de vídeos e áudios com trechos das apresentações, visto que a pauta trata de um espetáculo de teatro musical. O uso desses recursos é parte da visão de jornalismo literário utilizada neste trabalho, considerando esse gênero como

a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas,

ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso (Castro, 2010, p.5).

Há ao todo dez vídeos e oito áudios editados (publicados, respectivamente, no YouTube e no Deezer), além de imagens integrando o texto.

A reportagem abre com alguns parágrafos introdutórios, que narram o momento da apresentação e introduzem brevemente os atores Bruno Mortari e Julie Vigano, além de sua relação com seus personagens, Miguel e Sandra. Nessa página de abertura, além do texto inicial, há os *links* para as dez retrancas e a ficha técnica do produto.

A página “parte 1” contém as duas primeiras retrancas, “Jogando purpurina à distância” e “Abre o leque”. A primeira parte de uma das cenas introdutórias do espetáculo, onde Miguel é expulso de casa, para explicar como surge *Purpurina* e como foi a primeira montagem do espetáculo, em 2020–2022. Por fim, a narrativa alcança cronologicamente a remontagem em 2025, contando como foi um dos primeiros ensaios, na retranca “Abre o leque”. Entrelaçados ao texto há dois áudios sobre as músicas e um vídeo com depoimento de um dos atores.

A página “parte 2” traz as seguintes retrancas: “Um lugar pra ela”, que narra a história de Julie Vigano, irmã do diretor Jamil Vigano que serviu de inspiração para a protagonista Sandra e que a interpreta no espetáculo; e “Nasce uma estrela”, que conta como o ator Bruno Mortari se montou pela primeira vez como Elina (*drag* de seu personagem, Miguel) durante a sessão de fotos de divulgação. Há um áudio e dois vídeos editados nessa parte.

A parte 3 é composta pela retranca “Reis e rainhas de malas prontas”, que narra o Festival Purpurina, realizado em agosto no Floripa Airport, e usa esse contexto para falar dos diferentes tipos de *drag* — *queens*, *kings* e *queers* — e de como eles estão presentes nas ações de *Purpurina*; e pela retranca “Hora do kiki”, que dá foco aos atores do ensemble e às construções de personagens feitas por eles, especialmente da atriz Camila Franco, que teve de construir uma *drag queen* do zero de última hora. Quatro vídeos e um áudio estão presentes nessa página.

Na parte 4, há a retranca “O final feliz dentro das estatísticas”, que parte do enredo de Miguel — expulso de casa pelos pais — para falar da relação dos atores com suas famílias. Também há a retranca “Mimimi”, que discute o vilão Diogo e o

discurso LGBT+fóbico que ele faz no clímax da história. Há três áudios e um vídeo nessa parte.

A última página, “parte 5”, traz a retransmissão “O retorno do cisne”, que narra o Workshop Purpurina e a vontade de Bruno Mortari de construir sua própria *drag queen*, e a retransmissão “Depois do arco-íris”, que conta como foram o último ensaio e o dia da apresentação, e fala das perspectivas para o futuro de *Purpurina*. Aqui, há um áudio e dois vídeos.

A publicação aconteceu na plataforma Shorthand, plataforma de *storytelling* digital utilizada por veículos como BBC, The Guardian e Telegraph. Ela permite integrar texto, vídeo e imagem, além de incorporar conteúdos de outros lugares, e tem um design atrativo, responsivo e fácil de utilizar. “Shorthand é o tipo de software que torna realmente difícil criar um projeto com aparência ruim” (Ulm, 2023). Considerando que, “no jornalismo atual, boa escrita, por si só, não é mais suficiente”, já que “a matéria deve ser visualmente atrativa” (Ndhlovu, 2018), justifica-se o uso da plataforma.

O público-alvo são pessoas da comunidade LGBT+ de 20 a 30 anos, das classes A- e B. A linguagem foi pensada para dialogar especificamente com esse recorte, inclusive com o uso de gírias associadas à comunidade e à faixa etária.

### 3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

#### 3.1 DEFINIÇÃO DA PAUTA

No primeiro semestre de 2025, escrevi a reportagem “Os triatletas das artes” para a disciplina de Jornalismo Especializado em Cultura, ministrada pela professora Tattiana Teixeira — a qual já havia escolhido como minha orientadora. À época, sabia que pretendia produzir no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma reportagem literária que destacasse a relação de entrevistados com alguma forma de arte, mas ainda não havia encontrado um recorte específico.

Foi ao produzir a reportagem sobre teatro musical que conheci *Purpurina*. Como estava gostando de apurar sobre aquela pauta e vi nesse universo potencial para uma reportagem que encaixava em minhas ideias para o TCC, conversei com a professora Tattiana sobre trazer esse recorte, e foi ela quem sugeriu que eu acompanhasse a produção de *Purpurina* especificamente, já que a peça só estrearia em alguns meses e, assim, eu teria acesso aos bastidores da criação/concepção do espetáculo.

Como a pauta foi decidida de última hora, a pré-apuração foi realizada paralelamente à apuração propriamente dita. Ainda estava cursando Planejamento de TCC e aproveitei para pesquisar dados diversos sobre arte *drag* e sobre a comunidade LGBTQ+ para colocar no documento de projeto que deveria entregar ao professor da disciplina.

##### 3.1.1 Bagagem pessoal

No colégio em que estudei, o teatro faz parte do componente curricular obrigatório do 6º ano do Ensino Fundamental. No ano seguinte, como não havia mais a disciplina na grade, comecei a fazer aula de teatro extracurricular. Atuei em adaptações de peças de Shakespeare e escrevi alguns textos que foram apresentados. Fiquei no teatro extracurricular de 2016 até 2020 e, depois, voltei para um último ano em 2022, já cursando Jornalismo. Desde janeiro de 2025, venho desenvolvendo um espetáculo composto por cinco esquetes para o Grupo de Teatro Armação, quatro das cinco escritas por mim.

### 3.1.2 Primeiras ideias para o projeto

No primeiro semestre de 2024, cursei a disciplina de Linguagem e Texto Jornalístico V com a professora Tattiana Teixeira. Foi meu primeiro contato a fundo com o universo do jornalismo literário, que me encantou logo de cara pela possibilidade de ir além da apuração tradicional ao “ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento” (Martinez, 2014, p.66). Além disso, havia a possibilidade de usar, na construção textual, técnicas da literatura, com a qual também sempre tive uma relação estreita.

Na época, devíamos decidir entre produzir crônicas ou uma reportagem literária. Como nunca havia escrito crônicas, optei por esse formato, o que gerou arrependimentos mais tarde. Desenvolver um estilo e aprender a apurar de forma menos tradicional teria facilitado este trabalho.

De qualquer forma, como já possuía afeição por arte, decidi, mais ou menos na metade de 2024, que meu projeto de TCC envolveria falar da relação de pessoas com arte, possivelmente através de uma série de reportagens perfis. Afinal, a arte é “produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece” (Buoro, 2000, p.25).

Ainda assim, aquela não era uma pauta propriamente dita, apenas um tema geral. Afinal,

pautas de reportagens incluem o assunto; o fato gerador de interesse, se houver; a natureza da matéria (se narrativa, exposição de tema etc.) e o contexto; a linha editorial; uma definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento; recursos e suporte técnico disponíveis (Lage, 2005, p.17).

Esse tema envolve um aspecto emotivo e pessoal que não poderia ser descrito de forma satisfatória no jornalismo tradicional — já que “as histórias de vida se constituem no cerne do Jornalismo Literário” (Martinez, 2017, *online*) —, por isso, decidi que me aventuraria no jornalismo literário. Assim, convidei a professora Tattiana para me orientar, no começo do segundo semestre de 2024, por e-mail.

### 3.1.3 Reportagem sobre teatro musical

Em fevereiro de 2025, meu amigo Victor Lebarbenchon, que conheci no teatro do colégio e depois virou colega no Curso de Jornalismo da UFSC, entrou para o elenco de *Mamma Mia! O Musical*, da produtora Movincena.

No primeiro semestre deste ano, cursei a disciplina de Jornalismo Especializado em Cultura com a professora Tattiana. Em abril, a turma decidiu que o trabalho final seria um especial multimídia sobre música em Florianópolis; cada estudante produziria uma reportagem sobre alguma pauta dentro desse escopo. Como não entendo sobre música e o jornalismo cultural é um gênero com “forte presença autoral, opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa” (Faro, 2006, p.149–150), ou seja, demanda que o repórter conheça o assunto a fundo, tive a ideia de abordar o teatro musical. Além de estar mais familiarizado com o teatro como arte do que com a música, aproveitei que teria alguns contatos nesse meio através de Victor.

Dessa forma, em maio de 2025, comecei a apuração para uma reportagem sobre o mercado do teatro musical em Florianópolis. Um de meus entrevistados foi Jamil Viganó, diretor e co-criador de *Purpurina — O Musical*. A entrevista aconteceu em 16 de maio. Nela, Jamil comentou que a seleção dos artistas para a remontagem aconteceria nas próximas semanas, com previsão de estreia para setembro ou outubro. Na época, estava como estagiário no Caderno Cultural Expressões, projeto de extensão do CCE que reúne materiais dos estudantes do centro, manifestei meu interesse em apurar sobre o musical para uma produção noticiosa futura.

À medida que terminava a apuração e escrevia a reportagem para a disciplina, fui me encantando pelo ramo de teatro musical. Aquele era um texto curto, de cerca de 10 mil caracteres e com cinco entrevistados. Mas havia diversos artistas cujas histórias tinham potencial para novos materiais jornalísticos. Decidi, então, trazer esse tema para meu TCC.

Em conversa com a professora Tattiana, em 4 de junho, ela me sugeriu acompanhar a montagem de *Purpurina*, em busca de histórias sobre os envolvidos em um espetáculo sobre arte *drag*. Imediatamente enviei mensagem para Jamil, que me enviou o cronograma dos ensaios. Dois dias depois, acompanhei o primeiro encontro do elenco, ao mesmo tempo em que finalizava a reportagem de Jornalismo

Especializado em Cultura e fazia o projeto do trabalho para entregar na disciplina de Planejamento de TCC.

### 3.1.4 Definição do formato

Antes de escolher *Purpurina* como minha pauta, pensava em fazer meu TCC para o impresso, e em diagramá-lo como uma reportagem de jornal ou revista. Porém, já na primeira conversa com a professora Tattiana após a escolha da pauta, chegamos à conclusão de que o formato multimídia se fazia necessário, já que a pauta envolvia teatro musical e arte *drag*, formas de arte que seriam melhor retratadas com mais do que apenas texto e imagem. Tratando-se também de um produto voltado a uma população jovem, o formato multimídia se faz ideal por “permitir a construção da narrativa de forma dinâmica” (Nunes, 2013, p.36).

Considera-se aqui jornalismo multimídia como aquele que emprega “pelo menos duas plataformas / formatos na produção de notícias ou reportagens” (Menke, 2019, p.1). Aqui, a proposta é construir

o vínculo entre leitor e o conteúdo jornalístico multimídia que nasce a partir do momento que se explora os sentidos auditivos, visuais e táteis por meio de reportagens multidimensionadas que fornecem o acesso a conteúdos dinâmicos com portais que investem no design, ilustração com a integração de reportagens, foto galerias e audiovisual que vem a se tornar não apenas uma tendência, mas um elemento valioso na adaptação do jornalismo (Nunes, 2013, p.36).

Considerando a extensão do texto, buscou-se construir uma grande reportagem multimídia. No jornalismo impresso, Kotscho (2003, p.71) define que as grandes reportagens são as “matérias mais extensas, que procuram explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos”, gênero que é renovado e consolidado no jornalismo *online* com os textos *longform*, que são caracterizados por abordagens mais extensas e complexas de seus assuntos (Longhi, 2014 apud Marques, 2021, p.76).

Utilizo a narrativa horizontal, em que o leitor pode acessar diferentes partes da reportagem a partir de *links* disponibilizados no início (Ureta, 2009, apud Marques, 2021, p.84).

Entre as características da grande reportagem multimídia listadas por Carvalho e Lima (2016, p.105), busco enfatizar as seguintes: texto longo e aprofundado, *design* responsivo (“onde o material se adapta ao suporte que o usuário escolheu para consumo”) e matérias não-factuais.

### 3.1.5 Definição do recorte

Quando conheci *Purpurina*, durante a apuração para o especial multimídia, o que mais me encantou no projeto foi o fato de ser um espetáculo de teatro musical original. Em geral, as produções realizadas em Florianópolis trazem canções estrangeiras, muitas vezes com o texto já existente. O fato de a história tratar de arte *drag* me passava quase despercebido. Tinha pouco contato com essa arte antes de *Purpurina*.

Em reunião com a professora Tattiana, em 25 de agosto, dois meses e meio após começar a apuração, ela apontou o quão pouco eu havia abordado esse aspecto no roteiro da reportagem que havia lhe enviado. Planejava dedicar quase metade do texto a retrancas sobre a arrecadação de recursos para o espetáculo, através da Lei Rouanet, o que a professora sugeriu que fosse suprimido para dar mais valor às histórias dos personagens e à singularidade de *Purpurina* na qual eu não estava focando: o fato de ser uma peça apresentada no CIC trazendo essa temática, em uma sociedade onde “a diversidade de gênero e a expressão artística que desafiam as normas tradicionais ainda são vistas com preconceito e marginalização” (Winter, 2023, *online*).

Como a apuração começou de repente e logo antes do período de férias, limitando minhas trocas com a professora Tattiana e prejudicando a pré-apuração, a definição do recorte da pauta só aconteceu quando mais da metade da apuração já havia acontecido. Trabalhar dessa forma, lidando com várias etapas ao mesmo tempo, foi um desafio, acarretando em dificuldades para a escrita do texto, como será explorado nas seções a seguir.

## 3.2 APURAÇÃO

Entre junho e setembro, acompanhei: o primeiro encontro do elenco, em 06/06; 13 dos 14 ensaios do musical, de 13/06 a 20/09; uma reunião do LabDat, de forma *online*, em 17/07; a *live* da semifinal do Concurso Purpurina, também de forma *online*, em 28/07; a sessão de fotos e vídeos de divulgação do espetáculo, em 29/07; o Festival Purpurina no Floripa Airport, em 30/08; o Workshop Purpurina, em 23/09; e a estreia do musical, em 26/09. Também entrevistei 19 pessoas, de 08/07 a 29/10.

### 3.2.1 Acompanhamento dos ensaios e eventos

A apuração consistiu em estar nos ambientes — orientado pela professora Tattiana a permanecer “o mais invisível possível” — observando, fazendo registros de fotos e vídeos e anotando acontecimentos e falas relevantes no bloco de notas do celular.

Uma das maiores dificuldades do processo foi justamente essa apuração. Como estava ali tão assiduamente quanto o elenco e equipe, alguns deles acabavam me incluindo nas atividades: me incentivavam a participar dos aquecimentos vocais e a entrar nas rodas, mesmo quando eu negava, a princípio. Em um dos primeiros ensaios, a coreógrafa Amanda Gonzaga me pediu para filmar alguns números para que os atores usassem a gravação como referência. Eu o fiz, mas hesitante. Logo pedi a orientação da professora Tattiana, que me instruiu a deixar claro que estava ali para observar. É essencial fazer essa distinção porque, em apurações jornalísticas que consistem em acompanhar grupos ou organizações,

O objetivo durante a “reportagem” ou o “trabalho de campo” não é o de se sociabilizar como se fosse um interno, como um funcionário que tem uma função numa empresa. Na verdade, o objetivo é saber o que esses internos pensam, a fim de conhecer suas experiências e perspectivas e entender como é a rotina deles (Kramer, 1995, p.27, apud Martinez, 2022, p.258).

No ensaio seguinte, conversei com a coreógrafa assim que cheguei para informá-la disso; disse o mesmo para o diretor, Jamil Vigano, em uma de nossas

entrevistas. Ele entendeu bem, mas o “ficar invisível”, termo que usei para explicar meu trabalho ali, virou uma piada recorrente nos ensaios e eventos seguintes.

Também tinha a dúvida de como explicar o que eu estava fazendo ali. Antes da primeira entrevista com Jamil Vigano, apenas dizia que estava acompanhando os ensaios para um outro trabalho da faculdade, sem explicitar que era um TCC. Quando mencionei essa questão, o diretor ficou empolgado, assim como o resto da equipe, à medida que eles foram tomando conhecimento.

Outra questão foi meu envolvimento pessoal com a história da peça e as músicas. Durante o período de apuração, me encantei pela história e passei a ouvir assiduamente as músicas disponíveis nas plataformas digitais. Contudo, pensando na orientação da professora Tattiana para manter-me invisível, evitei comentar sobre esse envolvimento pessoal com a história e as canções. Afinal, a ideia é que o

jornalista literário faça imersão no campo para observá-lo, sem assumir, no entanto, uma posição de julgamento. Caso contrário, sua visão poderia ficar comprometida, uma vez que cristalizada num determinado foco experienciado pelo indivíduo ou grupo de indivíduos que se quer relatar. O risco maior, talvez, não seria o de perder uma dada neutralidade — o que se sabe ser ilusório —, mas o de se fixar numa das percepções possíveis de um assunto (Martinez, 2022, p.258).

### 3.2.2 Entrevistas

Foram 23 entrevistas com 19 pessoas, descritas no quadro abaixo:

Quadro 1 — Lista de entrevistados

DATA	ENTREVISTADO	LOCAL	DURAÇÃO
08/07	<b>Jamil Vigano</b> (diretor/co-criador)	Ceisa Center	54:22
09/07	<b>Renata Rodrigues</b> (coadjuvante)	Beiramar Shopping	24:56
22/07	<b>Julie Vigano</b> (protagonista)	Beiramar Shopping	26:40
26/07	<b>André Sens</b> (produtor/co-criador)	CCE/UFSC	19:40
31/07	<b>Jamil Vigano</b>	Lous Philippe	1:31:22
04/08	<b>Larah Roncalio</b> (coadjuvante)	Villa Romana	41:26
12/08	<b>Bárbara Ferraz</b> (ensemble)	Villa Romana	46:59
14/08	<b>Bruno Mortari</b> (protagonista)	CCE/UFSC	38:06

27/08	<b>Gabriel Souza</b> (bolsista/ <i>drag</i> )	CCE/UFSC	27:11
03/09	<b>Vinícius Tancredo</b> (protagonista)	CCE/UFSC	26:40
05/09	<b>Bruno Ruthe</b> ( <i>drag</i> )	<i>online</i>	25:43
08/09	<b>Fanny Cacilie</b> ( <i>drag</i> )	CCE/UFSC	19:14
11/09	<b>Júlia Rubra</b> (coadjuvante)	<i>online</i>	41:39
11/09	<b>Mystika Ai</b> ( <i>drag</i> )	<i>online</i>	57:40
15/09	<b>Gael Bregeron</b> (antagonista)	<i>online</i>	21:17
16/09	<b>Notli Airan</b> (coadjuvante)	<i>online</i>	35:09
17/09	<b>Heitor Cameu</b> ( <i>drag</i> )	Opium	25:42
22/09	<b>Valter Rosa</b> (ensemble/ <i>drag</i> )	Beiramar Shopping	56:37
24/09	<b>Joel Vígano</b> (coadjuvante)	CCE/UFSC	1:10:00
25/09	<b>Camila Franco</b> (ensemble/ <i>drag</i> )	CCE/UFSC	29:41
26/09	<b>Fanny Cacilie</b>	CIC	0:56
23/10	<b>Bruno Mortari</b>	CCE/UFSC	32:31
29/10	<b>André Sens</b>	<i>online</i>	16:07

Inicialmente, pretendia encerrar as entrevistas em setembro. Porém, ainda havia algumas lacunas nas conversas com Bruno Mortari e André Sens, que preenchi em novas entrevistas com os dois, em outubro.

Ao todo, foram 13 horas, 49 minutos e 48 segundos de entrevistas. As que foram realizadas presencialmente registrei utilizando o gravador do meu celular, com trechos adicionais em vídeo nas entrevistas com Gabriel Souza, Vinícius Tancredo, Fanny Cacilie, Heitor Cameu, Valter Rosa e Camila Franco, e na segunda entrevista com Bruno Mortari. As conversas *online* foram realizadas no Google Meet e registradas pela gravação de tela da Barra de Jogos.

Para a decupagem, coloquei os arquivos no Google Pinpoint, que realizou a transcrição. Em um documento do Google Docs, selecionei os trechos mais importantes de cada entrevista, corrigindo possíveis erros na transcrição do Pinpoint e anotando o assunto e a minutagem de cada trecho.

O número de entrevistados ultrapassou o que eu pretendia inicialmente (de dez a quinze). Como tinha fácil acesso às fontes, porém, considerei que não haveria grandes prejuízos caso expandisse a apuração para acomodar novas entrevistas.

Mesmo algumas tendo sido pouco produtivas e agregando quase nada ao produto final, não me arrependo da decisão, já que fontes como Heitor Cameu, que foi uma adição posterior ao rol de entrevistados, acabaram trazendo declarações extremamente valiosas.

O plano original era realizar todas as entrevistas presencialmente, já que “a conversa cara a cara permite que o repórter observe detalhes do comportamento do entrevistado e da cena que escapam em conversas por telefone ou e-mail” (Mazotte, 2013, *online*), o que é ainda mais importante em se tratando de jornalismo literário. Na primeira entrevista com André Sens, por exemplo, ele havia sugerido fazermos *online*, mas, para que isso não acontecesse, acabei por entrevistá-lo durante um dos ensaios. Porém, com o passar das semanas e a proximidade da estreia, decidi aceitar os pedidos de algumas das fontes para conversarmos remotamente, para agilizar o tempo.

### 3.3 REDAÇÃO

O texto foi escrito no Google Docs. A ferramenta permite compartilhar os documentos com outras pessoas, que podem fazer comentários e sugestões. Tanto eu como a professora Tattiana estamos habituados a utilizá-la, uma vez que facilita as correções.

Em setembro, escrevi uma primeira versão do que se tornaria a retranca “Nasce uma estrela”, narrando a sessão de fotos na qual Bruno Mortari se montou pela primeira vez. Enviei o texto à professora Tattiana, que considerou que o estilo não estava bom; o leitor ainda não conseguia sentir a emoção daquele momento.

Descartei o que tinha escrito e pedi à professora que sugerisse textos nos quais eu poderia me basear. Ela sugeriu “Assinalados pelo ouro”, reportagem de Eliane Brum, e o livro *Rainhas da noite: as travestis que tinham São Paulo a seus pés*, de Chico Felitti. Na mesma semana, peguei emprestado na Biblioteca Universitária o livro *O Olho da Rua* (que contém o texto “Assinalados pelo ouro”) e comprei a versão digital de *Rainhas da noite*.

Li *O Olho da Rua* em setembro, e o estilo de Eliane Brum proporcionou a inspiração necessária para escrever o texto. Em outubro, com a apuração, a princípio, finalizada, escrevi nova versão da retranca da sessão de fotos e também

um trecho que se tornaria parte da primeira retranca, dando informações gerais sobre o projeto *Purpurina*. Enviei esses novos textos à professora Tattiana, que fez apenas correções pontuais. Em seguida, escrevi outros dois trechos — as retrancas “Jogando purpurina à distância” e “O final feliz dentro das estatísticas” —, que receberam um feedback semelhante.

Estava lendo *Rainhas da noite* nesse meio tempo, mas o estilo de Chico Felitti, um pouco mais “cru” do que o de Eliane Brum, não foi fonte de inspiração tão grande. Dessa forma, decidi intercalar a leitura do livro de Felitti com a de outro livro de Brum, *A vida que ninguém vê*, que tinha em casa, mas ainda não havia lido. Geralmente, logo antes de sentar para escrever os textos, procurei ler uma ou duas reportagens de *A vida que ninguém vê*, para procurar inspiração.

### **3.3.1 Tópicos sensíveis**

A pedido do entrevistado, a retranca “O retorno do cisne” não dá todos os detalhes a respeito da história de Bruno Mortari, não especificando, por exemplo, de quem ele recebia comentários preconceituosos mencionados no texto.

Na retranca “O final feliz dentro das estatísticas”, conto a história de uma fonte que não pediu para que ocultasse seu nome ou as informações, mas tomei a decisão de não identificá-lo mesmo assim. Os fatos narrados, de preconceito familiar, pouco têm a ver com os bastidores de *Purpurina*, e são colocados ali para a criação de um paralelo com a história da peça. Apesar de falar do preconceito que sofreu e de chamar a família de tóxica, o entrevistado menciona que ainda tem contato com eles. Por isso, achei mais prudente poupá-lo e não divulgar seu nome, mesmo que ele não tenha me pedido abertamente.

### **3.3.2 Adaptações ao público-alvo**

A escolha do público-alvo é um passo importante na produção de uma pauta. Se o trabalho é em uma redação, esse público já estará estabelecido pelo projeto editorial do veículo, mas, no caso de uma reportagem produzida como TCC, a escolha deve ser feita pelo próprio repórter.

Neste trabalho, como a pauta trata de um espetáculo voltado a um público LGBTQIA+ e os principais entrevistados são jovens de 20 a 30 anos (com alguns um pouco mais velhos, na faixa de 30 a 40), a escolha foi pensar nessa faixa, com foco nas classes A- e B, que também contemplam os personagens do trabalho.

Dessa forma, fica estabelecido que, ao contrário de uma reportagem com público mais velho e/ou mais conservador, não é necessário explicar termos relacionados ao cotidiano LGBTQIA+ como “trans”, “*drag queen*” ou “não-binária” ou mesmo a própria sigla LGBTQIA+. (Nota-se que, ainda assim, “*drag king*” e “*drag queer*” são explicados, já que a própria reportagem nota a desvalorização desses grupos em relação às queens.)

Com esse público definido, justifica-se o uso de gírias e expressões comuns a esse grupo que não seriam possíveis em outras reportagens, como “divar”, “servir cunt” e o meme “uma terceira coisa secreta”, ou seja, a construção de uma linguagem adaptada aos leitores que se pretende alcançar.

Além disso, outra escolha precisou ser feita com relação ao público-alvo: se teriam ou não assistido à peça, ou seja, se a reportagem precisaria explicar a história ou se presumiria que o leitor a conhece. Foi decidido que o texto contaria as partes relevantes do espetáculo, já que o público que a assistiu é nichado e restrito (714 pessoas, na montagem de 2025).

### 3.3.3 Linguagem neutra

A maior parte da reportagem utiliza o masculino genérico adotado na norma padrão da língua portuguesa, explicado por Georges Dumézil e Claude Lévi-Strauss (1984, apud Mäder, 2015, p.21):

O gênero usualmente chamado “masculino” é o gênero não marcado, que se pode chamar também extensivo, no sentido de que ele é capaz de representar por si só os elementos relativos a um e a outro gênero. [...] Seu emprego significa que, no caso em questão, a oposição dos sexos não é pertinente e que se pode portanto confundi-los.

Em alguns casos, especialmente quando a reportagem cita grupos que incluem pessoas não-binárias, foi utilizada a linguagem inclusiva, que consiste em alterar as frases para que os termos não indiquem gênero (Caê, 2022, p.6), como

neste parágrafo, em que foi utilizado o termo “pessoas” para evitar demarcar gênero do adjetivo “não-binárias”. Nem sempre essa reformulação frasal foi possível, e, nesses casos, foi utilizado o masculino genérico da gramática padrão.

Porém, como o texto também cita pessoas não-binárias que utilizam a linguagem neutra do sistema *elu*, essas fontes foram identificadas da forma que desejam, mesmo que os pronomes e artigos não existam na norma padrão da língua, visando respeitar a “luta pela inclusão e representatividade de todas as identidades de gênero” (Oliveira, 2023, p.27).

Na maior parte, o uso da linguagem neutra foi guiado pelo sistema *elu* descrito no manual de Gioni Caê (2022, p.7), mas, no caso do uso da contração entre preposição e artigo “*du*”, presente no áudio “Por trás de ‘Arco-Íris’”, a escolha foi guiada pela forma como *ê* artista Nit Nit Picky é identificada pelo Instagram do concurso (Casa Purpurina, 2025, *online*).

### 3.4 PRODUÇÃO MULTIMÍDIA

Assim como no caso do texto, o primeiro vídeo que produzi foi da sessão de fotos, também em setembro. Porém, só o enviei à professora junto com a segunda versão dessa retranca, no começo de outubro. O resto dos vídeos também foi produzido a partir dessa época.

A edição foi realizada no aplicativo do CapCut para celular, de forma manual, sem roteiro. No caso dos áudios, como tinham o formato de boletins, foi necessário um roteiro prévio. Gravei minha locução no estúdio da Rádio Ponto UFSC, em 13/11, e fiz a edição no Soundtrap.

Nos vídeos e áudios, utilizei trechos de músicas de *Purpurina*. Jamil Vígano me concedeu acesso ao drive compartilhado do projeto, que continha as versões instrumentais usadas no espetáculo e também as músicas finalizadas, lançadas nas plataformas digitais.

#### 3.4.1 Vídeos

Os vídeos da reportagem trazem elementos dos vídeos curtos comuns a redes sociais como Instagram e TikTok, como a própria duração enxuta (em torno de

um minuto), o uso de legendas e a trilha sonora agitada. A popularização desse formato “tem como alicerce o apelo da geração Z pelo consumo dinâmico e simultâneo de conteúdo” (Meio & Mensagem, 2023, *online*). Em geral, esse tipo de vídeo é na perspectiva vertical, porém, para esta reportagem, o uso do vídeo horizontal se baseia no fato de que esse formato

tem sido a norma na indústria cinematográfica e televisiva por muitos anos, em grande parte devido ao facto de que imita a maneira como vemos o mundo. Nossos olhos estão dispostos horizontalmente, o que significa que naturalmente vemos mais numa orientação horizontal. Um dos maiores benefícios do vídeo horizontal é que ele permite uma visão panorâmica. Isto é especialmente útil para filmes e vídeos que precisam mostrar uma grande área. Além disso, o vídeo horizontal é geralmente percebido como mais profissional e de alta qualidade (Click and Play, 2023, *online*).

Para a pré-produção desses conteúdos, anotei as falas e os registros que tinham a ver com o assunto de cada vídeo e adicionei-os a um projeto no CapCut. A edição aconteceu de forma manual, trocando a ordem de alguns trechos e apagando outros até chegar a versões narrativamente satisfatórias. A maior parte dos vídeos utiliza áudios com depoimentos de um entrevistado como fio condutor, mas dois deles trazem sonorais tradicionais.

A edição foi feita no CapCut, aplicativo que contém ferramentas especializadas em vídeos para redes sociais. A escolha dessa plataforma em detrimento de outras, como o Adobe Premiere, se baseou não apenas nesses recursos especializados, mas na facilidade do uso, já que eu já possuía o CapCut Pro no meu celular, podendo editar a qualquer momento sem precisar de um computador.

Como eram vídeos curtos, optei por não identificá-los através de uma vinheta e, sim, de uma marca d'água com o título da reportagem.

Tirando os nomes dos entrevistados, os créditos dos vídeos aparecem apenas na ficha técnica da reportagem, no Shorthand, e na descrição de cada um no YouTube.

### 3.4.2 Áudios

Como o espetáculo contém 13 músicas originais, 10 das quais foram lançadas em plataformas digitais, decidi aproveitar trechos em áudio para falar sobre as canções. A ideia original seria que fossem áudios maiores, mais complexos, enumerando todas as referências do compositor, Jamil Vigano. Logo percebi que essas informações não agregariam à narrativa. Assim, embora alguns áudios ainda tragam esses elementos, utilizei-os primariamente como forma de descrever a história de *Purpurina* comentada naquele trecho específico do texto. Por exemplo, na retranca que menciona Raquel, uma mãe evangélica que busca o filho, expulso de casa pelo marido, trago um áudio destrinchando a história dela através de suas músicas.

A gravação foi acompanhada pelo técnico Peter Lobo, no Laboratório de Rádio do Departamento de Jornalismo. A edição foi feita no Soundtrap. Geralmente costumo utilizar o Audacity para edição de áudios, mas ele é uma ferramenta limitada que permite pouca interação entre as faixas de áudio. No curso, costumamos utilizar o Adobe Audition, que traz mais fluidez. Porém, não o tenho em meu computador pessoal. O Soundtrap foi escolhido por ser um *software online* e gratuito, ao contrário do Audition, mas que se assemelha a este na facilidade de uso.

Tanto as versões instrumentais quanto as canções disponíveis nas plataformas foram retiradas do *drive* do espetáculo. O *link* foi compartilhado comigo por Jamil Vigano, que é o compositor das músicas. Também usei trechos das performances na peça e sonoras de entrevistas.

Mais uma vez, como são áudios pequenos, os créditos completos constam apenas na ficha técnica da reportagem, no Shorthand, e na descrição de cada um no Deezer.

## 3.5 IDENTIDADE VISUAL E WEBDESIGN

### 3.5.1 Identidade visual

Roxo é a principal cor da identidade visual de *Purpurina — O Musical*. É uma cor com diversos significados contraditórios: “a união do vermelho com o azul,

do masculino e feminino, da sensualidade e da espiritualidade [...] Como é no roxo que o masculino e feminino são fundidos, nenhuma outra cor simbolizaria melhor a homossexualidade” (Zylberglej, 2017, p.46). Como *Purpurina* é a pauta, não foi necessário grande análise para a escolha dessa cor para os elementos de destaque da reportagem, como as capitulares e o título principal.

Na hora de escolher as cores da plataforma, o preto foi a primeira opção, prezando por um *design* limpo e agradável. Ele é também uma cor querida pela faixa etária que compõe o público-alvo da reportagem: “os jovens gostam do preto mais do que os idosos. Isso porque ao pensar no preto, os jovens relacionam com a cor da roupa da moda e com carros caros” (Zylberglej, 2017, p.51). Já o branco apresenta um *design* minimalista e neutro, em função parecida com a do preto (Zylberglej, 2017, p.54).

### 3.5.2 Webdesign

A escolha do Shorthand se deu pela possibilidade de integrar diversos formatos, além de incorporar conteúdos de outros sites. A plataforma tem um *design* responsivo e fácil de ser utilizado. “Shorthand é o tipo de software que torna realmente difícil criar um projeto com aparência ruim” (Ulm, 2023, *online*). Considerando que, “no jornalismo atual, boa escrita, por si só, não é mais suficiente”, já que “a matéria deve ser visualmente atrativa” (Ndhlovu, 2018, *online*), justifica-se o uso da plataforma.

Todas as imagens contam com texto alternativo, que são aqueles que descrevem os elementos presentes em imagens na internet para garantir acessibilidade, principalmente, a pessoas com deficiência visual. “Adicionar o texto alternativo em imagens é o primeiro princípio na acessibilidade” (Brasil, s.d., p.1).

Pensando na harmonia da página, os áudios foram integrados ao Shorthand pelo Deezer. Outras plataformas de publicação de áudio, como Soundcloud e Spotify, foram testadas, mas o *design* delas não compôs com a reportagem. No caso do Soundcloud, não havia como mudar a cor laranja do áudio, que não entrava na identidade visual da reportagem. Já sobre o Spotify, havia um retângulo branco ao redor das bordas arredondadas do áudio. Ambas as opções também eram retangulares com as bases maiores que as alturas. No caso do Deezer, os áudios

são dispostos em quadrados com apenas a foto de capa e o título, mais atrativo e com formato ideal para colocar em colunas ao lado do texto.

A reportagem também foi pensada para a versão *mobile*, ou seja, para leitura em *smartphones*. Algumas seções do Shorthand foram feitas duas vezes, uma pensando na leitura para computador e tablet, e outra pensando na versão para celular.

Segundo Schmidt (2018), “essa ferramenta portátil, o *smartphone*, vem chamando a atenção dos jornalistas de como produzir com ela” (apud Almeida Júnior, 2019, p.3). Faz sentido, já que 60% dos brasileiros se conectam à internet apenas pelo celular, e não pelo computador (Cetic, 2024, *online*). Assim, ainda que a reportagem seja pensada primariamente para leitura no computador, negligenciar o visual para *mobile* seria um erro que comprometeria a experiência de grande parte do público e potencialmente os afastaria da leitura.

#### 4 RECURSOS E ORÇAMENTO

Nesta seção estão listados os valores para a produção deste trabalho. Nem todos foram pagos integralmente, uma vez que eu, como repórter, não fui remunerado, tampouco a professora Tattiana, que revisou o texto. A assinatura do Canva Pro e do CapCut Pro são divididas com um colega, e os equipamentos, como o Notebook Acer e o iPhone 14, são de uso pessoal. O Shorthand foi disponibilizado pela professora Tattiana, que, como professora universitária, tem uma licença concedida pela plataforma.

Tabela 1 — Orçamento

ELEMENTO	CUSTO UNITÁRIO (R\$)	QUANTIDADE	TOTAL (R\$)
Canva Pro	34,90	2 (out–nov)	69,80
CapCut Pro	43,90	3 (set–nov)	131,70
Shorthand Pro	40,00	2 (out–nov)	80,00
Notebook Acer	5.300,00	1	5.300,00
iPhone 14	3.800,00	1	3.800,00
Google One	9,99	6 (jun–nov)	59,94
Uber	—	—	75,00
Ônibus	2,88	80	230,40
Plano de internet móvel	30,00	6 (jun–nov)	180,00
Escrita da reportagem <sup>1</sup>	547,00 (por 1.400 caracteres)	34 (+-48.000 caracteres)	18.598,00
Revisão textual <sup>2</sup>	75,00 (idem)	34 (idem)	2.550,00
Criação de página da web <sup>3</sup>	1.021,00	1	1.021,00
<b>TOTAL:</b>			<b>32.095,84</b>

<sup>1</sup> Valor baseado na Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Valor baseado na Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Valor baseado na Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

## 5 DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

As dificuldades foram diversas, a maioria já citada ao longo deste relatório. A maior parte delas se deve à falta de experiência com o jornalismo literário. Foram várias as vezes em que não sabia como agir durante a apuração. Com a orientação certa da professora Tattiana, porém, esses desafios foram superados e, aos poucos, fui aprendendo a como me portar durante os acompanhamentos dos ensaios. Estabeleci uma relação cordial com as fontes, não de amizade, e procurei me manter o mais invisível possível, dentro de minhas limitações como ser humano.

Com relação ao estilo literário, já mencionei que demorei para encontrar o tom que mais encaixava na reportagem. Essa talvez tenha sido minha maior dificuldade, não necessariamente pelo trabalho em si, porque a busca por referências teve resultados claros e, aos poucos, fui chegando a um texto que me satisfiz. A questão maior foi a ansiedade que essa situação causou em mim ao receber o primeiro *feedback* negativo da professora.

Minha autoestima sempre esteve ligada ao meu desempenho acadêmico, especialmente na área da escrita. No colégio, era referência nas matérias de Língua Portuguesa e Redação, e, no Curso de Jornalismo, sempre tinha afeição maior pelas disciplinas de Linguagem e Texto Jornalístico. Qualquer *feedback* negativo costuma me afetar, especialmente nessas áreas. Assim, foi difícil não me deixar abalar. Pensamentos autodepreciativos me invadiram, mas, graças à terapia e ao remédio que tomo para controlar a ansiedade, consegui seguir em frente. Aos poucos, não apenas fui avançando nas habilidades textuais, como fui me acostumando a receber *feedbacks* negativos, entendendo que eles agregam na formação e na qualidade do produto.

Além disso, a existência desses retornos negativos ajudam a validar os positivos. Já tive colegas cujos orientadores, menos rígidos e mais ausentes, acabaram por ter trabalhos com erros que passaram batido, inclusive casos em que a banca recomendou o adiamento da defesa. Assim, com essa orientação criteriosa, tenho confiança na qualidade do produto final, porque sei que os elogios da professora Tattiana são sinceros. Se acreditamos nos *feedbacks* negativos, precisamos também acreditar nos positivos.

Termino este TCC com outra concepção do que é o fazer jornalístico. Fazer jornalismo literário ajuda a compreender a profissão de forma mais complexa e humana, aguça os sentidos. Agora, compreendo bem o que é estar atento não apenas às declarações das fontes, mas ao seu comportamento e às suas emoções, que são habilidades importantes até para o jornalismo tradicional.

Além de todos os aprendizados, termino este trabalho com orgulho e autoconfiança. Finalmente me aventurei no jornalismo literário, área que tanto me encantou na disciplina de Linguagem e Texto Jornalístico V; construí uma narrativa multimídia, em textos, fotos, vídeos e áudios que se complementam; acompanhei e documentei histórias necessárias de uma comunidade marginalizada; cobri cultura de forma sensível e humana, fugindo da assessoria, da opinião e do *clickbait* tão presentes nesse ramo do jornalismo.

Há também a questão pessoal sobre a qual preciso comentar. Quando entrei no Curso de Jornalismo, no primeiro semestre de 2022, já sabia que pertencia à comunidade LGBTQ+ — na época, me rotulava como bissexual —, mas mantinha minha sexualidade como um segredo, reprimindo a mim mesmo como também diversos personagens desta reportagem fizeram por muitos anos. Oito semestres depois, sou homem gay assumido, tenho um namorado e termino minha graduação produzindo um trabalho que conta a história de diversas pessoas como eu. Em momento algum tentei me colocar na reportagem, porque ela não era sobre mim. Porém, neste relatório, preciso deixar claro que não é apenas a qualidade do texto jornalístico que me traz orgulho, mas também o assunto e minha evolução pessoal quanto a ele. Há oito semestres, nunca consideraria produzir uma reportagem tão a fundo nesse tema, especialmente do jeito que fiz, utilizando gírias LGBTQ+ em um produto assumidamente voltado para esse grupo. *Deixa brilhar: Purpurina — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC* me deixa extremamente orgulhoso como jornalista, mas também como pessoa LGBTQ+ que, assim como os personagens, superou medos e não mais se esconde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Evandro da Silva. **Mobile Journalism (MOJO) no jornalismo investigativo brasileiro**, jun. 2019. Disponível em: <[https://seminario.abraji.org.br/wp-content/uploads/2023/04/EVANDRO\\_DA\\_SILVA\\_ALMEIDA\\_JUNIOR-Mobile\\_Journalism\\_MOJO\\_no\\_Jornalismo\\_Investigativo\\_Brasileiro.pdf](https://seminario.abraji.org.br/wp-content/uploads/2023/04/EVANDRO_DA_SILVA_ALMEIDA_JUNIOR-Mobile_Journalism_MOJO_no_Jornalismo_Investigativo_Brasileiro.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2025.

AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas, 2014. **Revista Belas Artes**, n. 3, v. 16, 2014. Disponível em: <<https://www.belasartes.br/wp-content/uploads/2023/05/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

BRASIL. **O uso correto do texto alternativo**. Gov.br, s.d. Disponível em: <<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/acessibilidade-digital/material-de-apoio/uso-correto-texto-alternativo.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CAÊ, Gioni. **Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa**, dez. 2022. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CARVALHO, Deise; LIMA, Verônica. A utilização de elementos multimídia no jornalismo digital: Um raio-x do especial “Crime Sem Castigo -Tudo Sobre o Contrabando no Brasil” da Folha de São Paulo. **Temática**, João Pessoa, nov. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/31529/16398>>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CASA PURPURINA. **Conheçam mais du drag queer NIT NIT PICKY, diretamente de Florianópolis para o primeiro desafio do #ConcursoPurpurina ✨**, 2 jul. 2025. Instagram: @casapurpurina. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/DLn4Mi\\_MPfR/](https://www.instagram.com/p/DLn4Mi_MPfR/)>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40828132/Gustavo\\_Castro\\_Jornalismo\\_Liter%C3%A1rio\\_uma\\_introdu%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 24 nov. 2025.

COSTA FILHO, Francisco Carlos; LOPES, Elisabeth Silva. Questões de Gênero e Mais Além: a interseccionalidade na Arte Drag. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v.14, n.3, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/4gHjk7J8VMBvFqwLp7nvVfy/>>. Acesso em: 08 jul. 2025.

DE JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: Abril, 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/34888827/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_SOBRE\\_IDENTIDADE\\_DE\\_G%C3%8ANERO\\_CONCEITOS\\_E\\_TERMOS\\_Guia\\_t%C3%A9cnico\\_sobre\\_pessoas\\_transexuais\\_travestis\\_e\\_demais\\_transg%C3%AAneros\\_para\\_formadores\\_de\\_opini%C3%A3o](https://www.academia.edu/34888827/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO_CONCEITOS_E_TERMOS_Guia_t%C3%A9cnico_sobre_pessoas_transexuais_travestis_e_demais_transg%C3%AAneros_para_formadores_de_opini%C3%A3o)>. Acesso em: 09 jul. 2025.

EM duas décadas, proporção de lares urbanos brasileiros com Internet passou de 13% para 85%, aponta TIC Domicílios 2024. **Cetic**, 31 out. 2024. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/noticia/em-duas-decadas-proporcao-de-lares-urbanos-brasileiros-com-internet-passou-de-13-para-85-aponta-tic-domicilios-2024/>>. Acesso em: 16 nov. 2025.

FARO, José Salvador. Jornalismo Cultural: Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação e Sociedade.** São Bernardo do Campo, Metodista, Ano 28, nº 46, 2006.

FRANÇA, Wezelley. Quem vê close não vê corre: um estudo acerca da visibilidade, representatividade e ato político da arte drag. **Revista COR LGBTQIA+**, Curitiba, n. 2, v. 1, p. 100-124, jan. 2022.

JOSEPH, Channing. The First Drag Queen Was A Former Slave. **The Nation.**, 31 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/society/drag-queen-slave-ball/>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

KOEHLER, Lucas. Santa Catarina tem quase mil casos de violações contra LGBTQIA+ em 2024. **NSC Total**, 09 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/santa-catarina-tem-quase-mil-casos-de-violacoes-contralgbtqia-em-2024>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo, 4ª. Edição, Ed. Ática, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MÄDER, Guilherme. **Masculino genérico e sexismo gramatical**, 25 fev. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158447/336814.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MARQUES, Carolina Lopes. **Reportagem multimídia memorialística: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital**, 2021. Disponível em: <[https://bib.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial\\_CarolinaLopesMarques\\_18957\\_Textocompleto.pdf](https://bib.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial_CarolinaLopesMarques_18957_Textocompleto.pdf)>. Acesso em: 04 dez. 2025.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. In: **Intercom** - RBCC São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?lang=pt>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

\_\_\_\_\_. O jornalismo literário e a mídia sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN. **Líbero**, v.15, n.29, p.111-124, 2012.

\_\_\_\_\_. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Comunicação Midiática**, v.9, n.1, p.56-77, 2014.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre Jornalismo literário e cotidiano. **Mídia e Cotidiano**, v. 16, p. 248-267, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/51633/30973>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

MAZOTTE, Natalia. Um guia para aprimorar a arte da entrevista. **Observatório da Imprensa**, 16 jul. 2013. Disponível em: <[https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/\\_ed755\\_um\\_gui\\_a\\_para\\_aprimorar\\_a\\_arte\\_da\\_entrevista/](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed755_um_gui_a_para_aprimorar_a_arte_da_entrevista/)>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MENKE, Manuel. Multimedia Journalism. In: VOS, Tim; HANUSCH, Folker (Eds.). **The International Encyclopedia of Journalism Studies**. [S.l]: JohnWiley & Sons, 2019. p. 1-9.

NDHLOVU, Lungelo. Shorthand: uma ferramenta multimídia completa para jornalismo investigativo. **IJNet**, 30 out. 2018. Disponível em: <<https://ijn.net.org/pt-br/story/shorthand-uma-ferramenta-multim%C3%ADdia-completa-para-jornalismo-investigativo>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

NUNES, Emanuela. **A multimídia no jornalismo digital**: o caso do Público.pt. Campo Grande, 2013. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2951/1/PDF%20-%20Em%20manuela%20Cristine%20Leite%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

OLIVEIRA, Rafaela. **Linguagem neutra**: uma análise da proposta e de suas possíveis consequências para a língua portuguesa, 15 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/letrasparatodos/wp-content/uploads/sites/259/2024/07/Linguagem-Neutra-Eduarda-Oliveira.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PAUTA jornalística: o que é e 7 dicas de como elaborar. **Approach Comunicação**, 2025. Disponível em: <<https://www.approach.com.br/blog/pauta-jornalistica/>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

POR que conhecer o público-alvo é essencial para comunicação eficaz no marketing. **Reptile**, 29 set. 2025. Disponível em: <<https://reptile-mkt.com/por-que-conhecer-o-publico-alvo-e-essencial/>>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PURPURINA — O Musical. **Fundação Catarinense de Cultura**, set. 2025.

Disponível em:

<<https://www.cultura.sc.gov.br/programacao/3383-purpurina-o-musical>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTORO, André. **O uso de personagens no jornalismo literário**, 2015.

Disponível em:

<[https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/2015\\_19\\_o-uso-de-personagens-no-jornalismo-literario.pdf](https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/2015_19_o-uso-de-personagens-no-jornalismo-literario.pdf)>. Acesso em 09 jul. 2025.

ULM, Kerry. Pros and Cons of Shorthand. **Kerry Ulm**, 16 out. 2023. Disponível em:

<<https://kerryulm.com/pros-and-cons-of-shorthand/>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VÍDEO horizontal ou vertical: Qual é o mais eficaz para a sua estratégia de marketing digital?. **Click and Play**, 04 out. 2023. Disponível em:

<<https://clickandplay.pt/video-horizontal-ou-vertical-qual-e-o-mais-eficaz-para-a-sua-estrategia-de-marketing-digital/>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

VÍDEOS curtos: como o formato pode ajudar marcas e influenciadores. **Meio & Mensagem**, 10 mai. 2023. Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/proxima/videos-curtos-como-o-formato-pode-ajudar-marcas-e-influenciadores>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

WINTER, Nelly. A importância da arte drag ser manifestada à luz do dia. **Viver sem Preconceitos**, 08 ago. 2023. Disponível em:

<<https://viversempreconceitos.com.br/2023/08/02/a-importancia-da-arte-drag-ser-manifestada-a-luz-do-dia/>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

ZYLBERGLEJD, Raissa. **A influência das cores nas decisões dos consumidores**. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2017.

## ANEXOS

## ANEXO A – FICHA DE TCC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC</b>	
<b>ANO</b>	2025.2	
<b>ESTUDANTE/S</b>	Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo	
<b>TÍTULO</b>	<b>Deixa brilhar: <i>Purpurina</i> — <i>O Musical</i> leva arte drag aos palcos do CIC</b>	
<b>ORIENTADOR/A</b>	Tattiana Gonçalves Teixeira	
<b>MODALIDADE</b>	X	Prática editorial jornalística
		Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
		Prática de pesquisa
<b>FORMATO</b>		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio
		Vídeo/ TV
		Foto
	X	Multimídia
<b>Local de apuração</b>	X	Florianópolis
		Santa Catarina
		Brasil
		Internacional / País: _____
<b>PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO</b>	Sim [ X ] Não [ ]	
	Em caso negativo indique o suporte técnico/serviço contratado para o trabalho	

**RESUMO**

*Purpurina — O Musical* é um espetáculo original de Florianópolis que trata de uma casa de arte *drag*. Apresentada pela primeira vez em 2022, a peça ganha nova montagem em 2025. Esta grande reportagem multimídia e com linguagem literária narra o processo de remontagem do espetáculo, através de entrevistas com artistas, informações sobre arte *drag* e descrições dos ensaios, apresentações e outras ações transmídia. O objetivo é acompanhar um projeto artístico original de temática *queer* em Florianópolis, contando histórias envolventes sobre artistas que buscam encontrar e afirmar suas identidades. A reportagem é voltada a membros da comunidade LGBTQIA+ e interessados em arte *drag* e teatro musical de Santa Catarina.

## ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

### DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 22101542, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Deixa brilhar: *Purpurina* — O Musical leva arte drag aos palcos do CIC** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 02 de dezembro de 2025

Insira neste espaço  
a assinatura

**Marcelo Evangelista Vieira Flores Pedrozo**  
**104.288.669-56**